

Sara Pinto*

Análise espacial de redes de negócio e de família no século XVI: a companhia de Simón Ruiz

R E S U M O | Desde os anos 70 que Braudel sublinha a importância do estudo do espaço para a compreensão da realidade histórica. Desde então, as ciências históricas e geográficas têm trabalho em conjunto procurando compreender a dinâmica entre homem e espaço, e a forma como ambos se relacionam. O projecto de investigação DynCoopNet (“Dynamic Complexity of Cooperation-Based Self-Organizing Commercial Networks in the First Global Age”) tem como objectivo o estudo dos mecanismos de cooperação entre mercadores auto-organizados em redes de negócio, na Primeira Era de Globalização (1400-1800). Partindo do conceito de *Dynamic*, que implica uma integração do tempo e do espaço, o objectivo do nosso trabalho é desenvolver uma análise espacial, revelando o papel do espaço na construção de redes. A partir de projecções espaciais de algumas das redes familiares que integraram a rede do mercador Simón Ruiz, na segunda metade do século XVI, este artigo pretende demonstrar as vantagens da aplicação de análises espaciais às fontes históricas.

Palavras-chave: análise espacial; redes de família; redes de negócio; Sistemas de Informação Geográfica

A B S T R A C T | Since the 1970's, Fernand Braudel has urged for the integration of space in historical analysis, pointing towards to what we call nowadays a “Geographically-Integrated History”. For this historian, the creation of a map as an analytical support was necessary to comprehend men's evolution, in the belief that change happens in a space-temporal frame.

Our work is being developed within the research project DynCoopNet (“Dynamic Complexity of Cooperation-Based Self-Organizing Commercial Networks in the First Global Age”) which goal is to reveal the mechanisms of cooperation among merchants that tied together the self-organizing commercial networks of the First Global Age (1400-1800). Focusing on the notion of *dynamic* that implies an integration of space and time, our aim is to develop a spatial analysis, highlighting the role of space on network building. This paper intends to present an innovative approach that demonstrates the benefits of carrying on spatio-temporal analysis of historical data sources.

Keywords: spatial analysis; family networks; trade networks; historical GIS

1. Novos contributos para a História: análise de redes e *spatial history*

Em 1950, Fernand Braudel iniciava uma série intitulada “Affaires et gens d'affaires”, dedicada às grandes famílias de mercadores, como os Fugger¹ e os Ruiz², e as casas comerciais

* Aluna do Curso de Doutoramento em História da Faculdade de Letras, Universidade do Porto; Investigadora do CITCEM.

¹ Léon Schick, *Jacob Fugger: un grand homme d'affaires au début du XVIe siècle* (Paris: S. E. V. P. E. N., 1957).

² Henri Lapeyre, *Une famille de Marchands: les Ruiz. Contribution à l'étude du commerce entre la France et l'Espagne au temps de Philippe II* (Paris: Librairie Armand Colin, 1955).

francesas³ e portuguesas⁴. Estes estudos integravam a publicação da respectiva correspondência comercial, analisando as técnicas e os instrumentos mercantis e financeiros, e desenhando o perfil dos homens de negócio. Com maior ou menor profundidade, a todos os autores se tornou óbvia a forma como estes homens, ligados ou não, por laços familiares, actuaram de forma concertada, em função de estratégias comuns, partilhando recursos, e beneficiando de uma ampla rede de correspondentes e feitores.

Os anos 80 e 90, com uma progressiva colaboração entre as várias ciências sociais e humanas, assistiram a uma renovação historiográfica que girou em torno de uma complexificação da dimensão social, e do reconhecimento da acção de grupos organizados, nomeadamente de grupos de mercadores e do seu papel na construção de uma economia à escala global. Os estudos sobre este tipo de acção conjunta, considerando as suas ambiguidades, entre comportamentos de solidariedade e comportamentos de concorrência, vão-se sucedendo, utilizando, de uma forma geral, o conceito de *comunidades mercantis*. Em 1996, “Merchant networks in the early modern world”, sob a direcção de Sanjay Subrahmanyam, baseia-se em estudos de caso para comprovar a existência de formas organizacionais, e avança com o conceito de *redes mercantis*⁵. Paralelamente, Zacarias Moutokias, na sua análise sobre o comércio colonial hispano-americano, desenvolve o conceito de rede pessoal e o de *rede egocentrada*⁶. Em 1998, em conjunto com Jean Pierre Dedieu, os dois historiadores desenvolvem uma análise conceptual em torno de redes sociais, e apresentam propostas metodológicas para a aplicação deste tipo de análise na investigação histórica⁷. Seguindo esta mesma abordagem, José María Imízcoz desenvolve o seu trabalho sobre as redes sociais construídas pelas elites vascas e navarras⁸.

A primeira década do século XXI encontra um maior número de historiadores, quer do social, quer do económico, a desenvolver a sua investigação sob a perspectiva de redes, e a integrar no seu trabalho novas metodologias, inspirados em abordagens interdisciplinares. Francesca Trivellato analisa o comportamento das comunidades de sefarditas, com uma perspectiva privilegiada sobre redes de carácter multi-étnico e multi-religioso⁹. Hilario Casado Alonso considera a acção de redes de mercadores na sua análise sobre o comércio castelhano no período moderno¹⁰. Refira-se ainda, Maria Fusaro, especializada nas redes de ingleses e gregos em torno de Veneza e o seu papel na globalização da economia¹¹; ou o de Ricardo Court, que desenvolveu uma grelha de análise dos comportamentos dos mercadores genoveses, através de conceitos como o de confiança e reputação¹².

³ Pierre Goubert, *Familles marchandes sous l'Ancien Régime: les Danse et les Motte, de Beauvais* (Paris: S. E. V. P. E. N., 1959).

⁴ José-Gentil da Silva, *Stratégie des Affaires à Lisbonne entre 1595 et 1607: Lettres marchandes des Rodrigues d'Évora et veiga* (Paris: Librairie Armand Colin, 1956) e *ibidem*, *Marchandises et Finances II: lettres de Lisbonne 1563-1578* (Paris: S.E.V.P.E.N., 1959).

⁵ Sanjay Subrahmanyam, *Merchant networks in the early modern world* (Ashgate Variorum, 1996).

⁶ Zacarias Moutokias, “Narración y análisis en la observación de vínculos y dinámicas sociales: el concepto de red personal en la historia económica y social” in *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*, ed. María Bjerg e Hernán Otero (Tandil: CEMLA/IEHS, 1995), 221-241 e *ibidem*, “Negocios y redes sociales: modelo interpretativo a partir de un caso rioplatense (siglo XVIII)”, *Caravelle* (no. 67, 1997), 37-55.

⁷ Jean-Pierre Dedieu; Zacarias Moutokias, “L'approche de la théorie des réseaux sociaux” e Zacarias Moutokias, “La notion de réseau en histoire sociale: un instrument d'analyse de l'action collective” in *Réseaux, familles et pouvoirs dans le monde ibérique à la fin de l'Ancien Régime*, ed. Juan Luis Castellano e Jean-Pierre Dedieu (Paris: CNRS Editions, 1998).

⁸ José María Imízcoz, *Redes familiares y patronazgo: aproximación al entramado social del País Vasco y Navarra en el Antiguo Régimen, siglos XV-XIX* (Universidad del País Vasco, Servicio Editorial, 2001).

⁹ Francesca Trivellato, “«Juifs de Livourne, Italiens de Lisbonne, hindous de Goa» Réseaux marchands et échanges interculturels à l'époque moderne”, *Annales. Histoire, Sciences Sociales* (no. 3, 58e année, 2003), 581-603.

¹⁰ Hilario Casado Alonso, “Crecimiento económico y redes de comercio interior en la Castilla septentrional (siglos XV y XVI)” in *Imágenes de la diversidad: el mundo urbano en la Corona de Castilla (s. XVI-XVIII)*, ed. José Ignacio Fortea Pérez (Santander: Universidad de Cantabria, 1997) e *ibidem*, “Los flujos de información en las redes comerciales castellanas de los siglos XV y XVI”, *Investigaciones de Historia Económica* (no. 10, 2008), 35-68.

¹¹ Maria Fusaro, “«Les Anglais et les Grecs» Un réseau de coopération commerciale en Méditerranée vénitienne”, *Annales. Histoire, Sciences Sociales* (no. 3, 58e année, 2003), 605-625.

¹² Ricardo Court, “Januensis Ergo Mercator: Trust and Enforcement in the Business Correspondence of the Brignole Family”, *The Sixteenth Century Journal* (no. 35, 4, Winter 2004), 987-1003.

Todavia, a crescente interdisciplinaridade em História não se tem resumido apenas aos diálogos com a Sociologia. A Geografia tem desempenhado um papel fundamental ao integrar a investigação histórica. De uma forma geral, as humanidades e as ciências sociais têm lançado novas linhas de investigação baseadas numa nova forma de entender o espaço. Porém, este processo que tem sido designado por *spatial turn*, não representa uma revolução, ou uma nova descoberta, mas sim um retorno, um voltar a entender o espaço e a sua permanente relação, quer com o tempo, quer com o homem, como fundamental na análise histórica. Na verdade, muita da historiografia dos últimos cinquenta anos – desde o “Mediterrâneo” de Fernand Braudel, tem sido “espacial”, no sentido em que na sua análise são as alterações espaciais e as suas relações com os homens as que melhor explicam os padrões de mudança ao longo do tempo¹³. No entanto, a análise do espaço, como o entende a *Géohistoire* de Braudel, é muito mais metafórica e simbólica do que a mera utilização de mapas e de análises cartográficas. O método consistia em mapear os fenómenos históricos utilizando como *layers* os contextos políticos, económicos e sociais. A componente mais geográfica da escola dos Annales foi a transformação do lugar e da região em objectos históricos¹⁴.

Ao mesmo tempo, foram-se abrindo novas perspectivas aos historiadores graças à divulgação e proliferação de bases de dados. Estas bases foram sendo construídas como forma de integração de um grande número de fontes históricas, assim como de variadas tipologias documentais, permitindo ao mesmo tempo análises computacionais. Com efeito, a tendência nas humanidades e nas ciências sociais para as ferramentas digitais e de visualização, prende-se com o facto de praticamente toda a informação histórica ter uma componente espacial¹⁵. Muitas destas ferramentas têm sido desenvolvidas no sentido da digitalização e georeferenciação de mapas históricos, reconstrução de fronteiras antigas, e georeferenciação de dados históricos a nível micro, como ocorre com os censos, nomeadamente os fiscais, os atombamentos de propriedades ou os registos paroquiais¹⁶.

Os avanços nesta área acontecem nos muitos projectos de investigação em História, ou com alguma componente histórica, que utilizam os Sistemas de Informação Geográfica, muitas vezes como forma de criar bases de dados georeferenciados, nas quais é o espaço que concede uniformidade e coerência à apresentação da informação. No decorrer deste processo surgiram uma série de atlas históricos que sobrepõem a uma representação geográfica dados históricos, divididos por layers correspondentes a cronologias e temas. É o caso do *Vision of Britain. Great Britain Historical GIS* (1989)¹⁷; do *Belgian Historical GIS* (1990)¹⁸; do *Atlas Histórico do Canadá* (1993)¹⁹; do *Atlas. Cartografia Histórica* (Portugal, 1997)²⁰; do *China Historical GIS* (2001)²¹; do *National HGIS* (E.U.A., 2005)²²; do *HGIS Germany* (2006)²³; e do *AfricaMap* (2008)²⁴. Em 2000, uma edição especial da *Social Science History* foi dedicada aos *Historical GIS*. Este foi o

¹³ Richard White, *What is Spatial History?* (Stanford University Spatial History Lab, 2010) (disponível em www.stanford.edu/group/spatialhistory/cgi-bin/site/pub.php?id=29&project_id=997 – consultada em 15/01/2012).

¹⁴ Anne Kelly Knowles, *Placing History: How maps, spatial data, and GIS are changing Historical scholarship* (California: ESRI, 2008).

¹⁵ Andrew Torget e James Wilson, *Visualising the past: tools and techniques for understanding historical processes. A White Paper for the National Endowment for the Humanities* (Virginia: University of Richmond, 2009).

¹⁶ Anne Kelly Knowles, *Past time, past place: GIS for History* (California: ERSI, 2002) e Ian Gregory e Paul Ell, *Historical GIS: Technologies, Methodologies and Scholarship* (Cambridge: University Press, 2007) e Anne Kelly Knowles, *Placing History: How maps, spatial data, and GIS are changing Historical scholarship*.

¹⁷ Disponível em www.visionofbritain.org.uk – consultada em 15/01/2012.

¹⁸ Disponível em www.hisgis.be – consultada em 15/01/2012

¹⁹ Disponível em www.historicalatlas.ca – consultada em 15/01/2012.

²⁰ Disponível em www.fcsh.unl.pt/atlas – consultada em 15/01/2012

²¹ Disponível em www.fas.harvard.edu/~chgis – consultada em 15/01/2012.

²² Disponível em www.nhgis.org – consultada em 15/01/2012.

²³ Disponível em www.hgis-germany.de – consultada em 15/01/2012.

²⁴ Disponível em africamap.harvard.edu – consultada em 15/01/2012.

começo de um reconhecimento global do Historical GIS como um das tendências emergentes na geografia histórica²⁵.

Ao encontro das mais recentes questões historiográficas, e consciente dos desafios e potencialidades que as novas metodologias apresentam, o projecto DynCoopNet (“Dynamic Complexity of Cooperation-Based Self-Organizing Networks in the First Global Age”²⁶) propôs-se analisar a evolução da cooperação enquanto base de sustentação da acção de redes mercantis auto-organizadas na Primeira Idade Global (1400-1800). No seu quadro teórico, enuncia o pressuposto de que “networks happen not only in socially, economically and historically defined spheres, but also in geographically determined areas”²⁷, reconhecendo assim a necessidade de uma análise espacial. Na verdade, é o primeiro conceito do seu acrónimo, *Dynamic*, que exige uma abordagem da dicotomia espaço-tempo: “Some disciplines, such as geography and landscape ecology, emphasize the spatial dimension of world knowledge, and other disciplines, such as history and climatology, take timecentric approaches to organize evidences of reality. However, it is the space-time integration that provides the explanatory power to understand and predict reality. Dynamics is by definition an integration of space and time.”²⁸

Com efeito, as dinâmicas geradas pelas redes, os seus mecanismos, as suas estratégias, representam um vasto espectro exploratório, permitindo aos historiadores colocarem novas questões e usufruírem de novos pontos de observação. Porém, os que se dedicam a estas áreas reconhecem que no que respeita à sua dimensão espacial, muito está ainda por analisar. O funcionamento de uma rede pressupõe mobilidade dentro de uma determinada área geográfica. Através desta mobilidade, as esferas sociais são moldadas, expandem-se, evoluem. Assim sendo, como é que o espaço afectou social e economicamente as relações dentro de uma rede em expansão?²⁹

2. Análise espacial de uma rede mercantil: uma proposta de trabalho

Quer enquanto tempo das “economias-mundo”³⁰, quer como génese de um “sistema mundial”³¹, ou até mesmo enquanto primeiro momento de globalização, o século XVI é consensualmente visto como o tempo de uma crescente interconectividade entre os diferentes espaços mundiais, seja a nível geográfico, social, ou até mesmo cultural e mental. É portanto, o tempo por excelência, da acção de mercadores, de homens de negócio, de banqueiros, que localizados nas mais diversas praças europeias, permitiram uma integração e uma articulação da economia à uma escala global. Importa-nos, por isto, analisar a forma como estes mercadores, auto-organizados sob a forma de redes de cooperação, se distribuíram no espaço, ignorando fronteiras políticas, e criando a sua própria geografia.

²⁵ Ian Gregory e Paul Ell, *Historical GIS: Technologies, Methodologies and Scholarship*.

²⁶ O projecto DynCoopNet é um CRP (Cooperative Research Project) do programa TECT (The Evolution of Cooperation and Trading), do EUROCORES (European Collaborative Research Scheme). Foi aprovado pela ESF (European Science Foundation) e é financiado pela FCT em Portugal (Prof. Amélia Polónia), pelo MEC em Espanha (Prof. Ana Crespo Solana), e pela NSF nos Estados Unidos da América (Prof. J. B. Owens). Para uma descrição detalhada do projecto, nomeadamente para uma apresentação da equipa de investigação portuguesa e do trabalho desenvolvido aceder a www.dyncoopnet-pt.org.

²⁷ Margrit Schulte Beerbühl; Jörg Vögele, *Spinning the commercial web. International trade, merchants and commercial cities, c. 1640-1939* (Peter Lang, 2004), 17.

²⁸ May Yuan, “Dynamics GIS: Recognizing the Dynamic Nature of Reality” in *Essays on Geography and GIS* (ESRI, 2008), 17-24.

²⁹ Margrit Schulte Beerbühl, “Spatial construction and social norms in eighteenth-century trade networks” in *Historisches Seminar II* (Düsseldorf: Heinrich Heine Universität, 2008).

³⁰ Fernand Braudel, *Civilização material, Economia e Capitalismo - séculos XV-XVIII: Os jogos das trocas, vol. 2* (Paris: Teorema, 1979).

³¹ Immanuel Wallerstein, *O Sistema Mundial Moderno, Vol. 1: Agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI e Vol. 2: O mercantilismo e a consolidação da economia-mundo europeia, 1600-1750* (Porto: Edições Afrontamento, 1990).

A nível dos arquivos europeus é bem conhecida a riqueza dos fundos documentais das grandes famílias de mercadores, como os alemães Fugger³², os franceses Danse e Motte³³, ou os italianos Datini³⁴. Infelizmente, a nível nacional este tipo de arquivos privados não tem correspondência, sendo praticamente inexistentes³⁵. Os investigadores que se têm debruçado sobre a acção dos mercadores portugueses, vêem-se forçados a recorrer aos arquivos públicos, tentando obter informação nos registos notariais ou na documentação produzida pelo poder central. Talvez tenha sido esta condicionante que levou Virgínia Rau a analisar a actividade dos mercadores lisboetas através das cartas de Lisboa que encontrou no Arquivo Datini³⁶ (RAU 1962-1963), ou Gentil da Silva a analisar exaustivamente a acção das famílias portuguesas Gomes d'Elvas e Rodrigues d'Évora utilizando as cartas escritas por estes ao castelhano Simón Ruiz³⁷.

Perante as (in)existências documentais e as opções metodológicas de alguns dos mais experientes historiadores neste campo, não podemos ignorar a hipótese de utilizar o arquivo do mercador castelhano Simón Ruiz, um dos mais relevantes a nível ibérico, quer pela diversidade da sua tipologia documental, quer pelo volume de documentação. A relevância de Simón Ruiz e da sua carreira como homem de negócios, ao nível dos mais destacados mercadores-banqueiros da Europa do século XVI, não tem passado despercebida à historiografia, tendo sido a sua biografia amplamente reconstituída em vários estudos, como os da autoria de Henri Lapeyre³⁸, Juan José de Madariaga³⁹ e Manuel Basas Fernández⁴⁰. Nas palavras de Ruiz Martin: “Sin Simón Ruiz se ignoraría bastante de lo que se sabe hoy de la dinámica mercantil de España y de la Europa occidental en la segunda mitad del quinientos.”⁴¹

Do vasto fundo documental da companhia de Simón Ruiz, sediado no Arquivo Histórico Provincial e Universitário de Valladolid, a equipa portuguesa do *DynCoopNet* optou pela leitura e análise das letras de câmbio e da correspondência comercial enviada pelos agentes sediados em Portugal.

As fontes utilizadas são particularmente ricas em referências geográficas pelo que nos permitem conhecer o enquadramento espacial da rede de Simón Ruiz. Isto é facilmente explicável pelo contexto de produção das letras de câmbio e da correspondência. As primeiras resultam da circulação de dinheiro, sob a forma de crédito, feita entre mercadores localizados em diferentes cidades, com o intuito de cumprir pagamentos de mercadorias, conceder empréstimos ou simplesmente jogar com os câmbios para obtenção de lucros. As cartas têm a responsabilidade de fazer circular a informação necessária a estas actividades, como os valores dos câmbios e a

³² Léon Schick, *Jacob Fugger: un grand homme d'affaires au début du XVIe siècle*.

³³ Pierre Goubert, *Familles marchandes sous l'Ancien Régime: les Danse et les Motte, de Beauvais*.

³⁴ Federigo Melis, *Documenti per la storia economica dei secoli XIII-XVI* (Firenze: Leo S. Olschki, 1972).

³⁵ Existe um conjunto de pergaminhos do mercador português João Martins Ferreira, datados de finais do século XV e inícios do XVI, mas constam apenas de documentos ligados à administração do seu património fundiário.

³⁶ Virgínia Rau, “Cartas de Lisboa no Arquivo Datini de Prato”, *Separata de Estudos Italianos em Portugal* (n. o. 21-22, 1962-1963).

³⁷ José-Gentil da Silva, *Stratégie des Affaires à Lisbonne entre 1595 et 1607: Lettres marchandes des Rodrigues d'Évora et Veiga, e José-Gentil da Silva, Marchandises et Finances II: lettres de Lisbonne 1563-1578*.

³⁸ Henri Lapeyre, *Une famille de Marchands: les Ruiz. Contribution à l'étude du commerce entre la France et l'Espagne au temps de Philippe II*.

³⁹ Juan José de Madariaga, *Bernal Díaz y Simón Ruiz de Medina del Campo* (Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1966).

⁴⁰ Manuel Basas Fernández publicou uma série de artigos sobre a vida de Simón Ruiz no *Boletín de la Institución Fernán González*, nomeadamente: “Simón Ruiz, burgalés” (1953, p. 663-672); “La azarosa vida del mercader Juan de la Presa” (1954, p. 281-294); “Francisco de la Presa, hijodalgo y mercader” (1955, p. 347-362, 470-486, 538-552); “Los sobrinos de Simón Ruiz” (1961, p. 756-774); “Fray Diego de Miranda, abad de San Juan (Burgos) y hermano del mercader Simón Ruiz Embito” (1961, p. 646-661); “Testamento y Mayorazgos del mercader Simón Ruiz Embito” (1962, p. 299-319); “Testamento y bienes del mercader burgalés Vitores Ruiz Embito, hermano de Simón Ruiz” (1961, p. 20-40); “La hacienda de Simón Ruiz” (1963, p. 481-504).

⁴¹ Felipe Ruiz Martin, *Pequeño capitalismo, gran capitalismo. Simón Ruiz y sus negocios en Florencia* (Barcelona: Editorial Crítica, 1990), 71.

conjuntura financeira das várias praças europeias. São ainda bastante ricas quanto a descrições de circulação de produtos, com referências a pontos de origem e de destino.

Toda esta informação foi agregada no *TimeLink*⁴², uma base de dados vocacionada para a investigação micro-histórica e prosopográfica, possuindo ainda uma forte componente de análise de redes. É, no entanto, um modelo que privilegia o indivíduo, partindo da identificação de agentes e das relações que estes estabelecem. Ora, dada a forte componente espacial da nossa análise, foi necessário dotar o *TimeLink* de novas ferramentas que permitissem o tratamento de informação geográfica, assim como de uma nova linguagem, com a criação do conceito de “geoentidade”.

Segundo esta nova perspectiva, todos os locais passaram a ser registados como se se tratassem de indivíduos, passando a ser possível associar-lhes atributos, e estabelecer relações, quer com agentes, quer com outros espaços. Cada referência geográfica passou então a constituir uma *geoentidade*, reunindo numa única ficha toda a informação (por exemplo, todas as ocorrências para Paris são reunidas na *geoentidade* “Paris”). A estas entidades são atribuídas coordenadas geográficas, utilizando o Google Maps⁴³. É um processo que, apesar de automático, requer confirmação do investigador, permitindo sempre correcções.

Estas novas funcionalidades dotaram os locais da sua própria “biografia”. Ou seja, para cada espaço, podemos ver os seus atributos (feira de câmbio, porto, centro produtor de lã, etc.); o número de vezes que é referido nas fontes; quais os agentes aí localizados e que funções aí desempenham; e ainda as relações estabelecidas com outros locais (no caso, por exemplo, de ser a origem de um determinado produto, pode ser estabelecida uma relação com o local de destino).

Como exemplo disto, a figura 1 mostra-nos a ficha da entidade “Lisboa”. Em 1576, esta cidade assumiu a função de praça financeira (por receber e enviar letras de câmbio); de praça comercial (por vender e comprar produtos); de porto marítimo (partida e chegada das naus da Índia); e até mesmo de praça de seguros marítimos.


Estas fichas biográficas ajudam-nos a compreender a função do espaço nas actividades da companhia, e a forma como este define e é definido pela própria evolução da rede.



Figura 1.
Ficha da “geoentidade” Lisboa no
TimeLink.

⁴² Software desenvolvido na Universidade de Coimbra pela equipa do Prof. Joaquim de Carvalho (disponível em <http://time-link.fl.uc.pt>).

⁴³ Disponível em www.maps.google.pt.

YEAR	NAME	GEOMETRY	FUNCTIONS	ATTRIBUTES	RELATIONS
1. <input type="checkbox"/> 1588-07-06	Lisboa		:		local de Joan Soeiro
2. <input type="checkbox"/> 1574-10-29	Lisboa		:		act_loc de Lc
3. <input type="checkbox"/> 1589-02-17	Lisboa		:		act_loc de Lc
4. <input type="checkbox"/> 1588-11-04	Lisboa		:		local de pagamento de Lc
1132. <input type="checkbox"/> 0000-00-00	Lisboa		evento: local	comercial: o trigo de flandres e da alemanha nao para de chegar a lisboa preco: venda de trigo a 110 reais o alqueire e um bom negocio tipologia: praca comercial	
1133. <input type="checkbox"/> 0000-00-00	Lisboa		evento: local	tipologia: praca financeira	
1134. <input type="checkbox"/> 0000-00-00	Lisboa		evento: local	tipologia: porto	
1135. <input type="checkbox"/> 0000-00-00	Lisboa		evento: local	funcao: carregamento de especiarias tipologia: praca comercial	
1136. <input type="checkbox"/> 0000-00-00	Lisboa		evento: local	tipologia: praca comercial	
1137. <input type="checkbox"/> 0000-00-00	Lisboa		evento: local	tipologia: praca financeira	
1138. <input type="checkbox"/> 0000-00-00	Lisboa		evento: local	tipologia: praca comercial	
1139. <input type="checkbox"/> 0000-00-00	Lisboa		evento: local	tipologia: praca financeira	
1140. <input type="checkbox"/> 0000-00-00	Lisboa		evento: local	tipologia: praca de seguros	
1141. <input type="checkbox"/> 1576-05-22	Lisboa		lc: local		

Nota: Para uma versão a cores deverá ser consultada a versão on-line.

3. Redes de negócio e redes de família

A expansão do comércio no período moderno foi impulsionada por mercadores que se estabeleceram em locais estratégicos de forma a acederem a novos mercados, actuando em redes articuladas na média e na longa distância. Mas, se uma rede é um conjunto de relações que permite realizar transacções entre indivíduos que respeitam normas de carácter informal - como a honra, a reputação, a confiança - estas serão tanto mais frequentes e a rede mais eficaz, quanto maior for o respeito de cada membro por essas mesmas normas. Ou seja, se a relação entre agentes assenta na confiança - o que é difícil de conseguir dentro de uma organização hierárquica formal - a identificação dos membros com esses vínculos informais determinará a eficácia da rede para reduzir custos e aumentar os seus lucros⁴⁴. Este é um pressuposto que tem sido repetidamente proposto pela historiografia sobre redes mercantis no período moderno, e o qual se procura testar neste trabalho, a partir de uma análise da projecção espacial da rede de Simón Ruiz. A sua base de sustentação teórica é a de que num mercado que se expandia a uma escala global, obrigando os homens de negócio a uma maior mobilidade, a manutenção desses vínculos e o respeito por normas informais de negócio seria melhor assegurada através de laços de sangue, pelo que “antes do desenvolvimento das sociedades por acções, a família era a base da empresa comercial e financeira.”⁴⁵

Os estudos dedicados às grandes famílias italianas concluem, de uma forma geral, que estas grandes dinastias de mercadores espalharam-se pelos centros financeiros e comerciais

⁴⁴ Carlos Álvarez; Luca Lo Basso; Claudio Marsilio, “La red financiera de la familia Spinola: España, Génova y las ferias de cambio (1627-1656)” in *X Simposio de Historia Económica: Análisis de redes en la Historia Económica*, Bellaterra, 27 a 29 de Janeiro de 2005.

⁴⁵ Henri Lapeyre, Une famille de Marchands: les Ruiz. Contribution à l'étude du commerce entre la France et l'Espagne au temps de Philippe II, 45.

européus, através de sucursais estabelecidas e geridas pelos membros mais jovens da família. Uma rede familiar, baseada em laços de sangue e de afinidade, negociava numa abrangente área geográfica. Era suportada por um sistema bancário familiar e, através da abertura de lojas e armazéns nas grandes cidades, ganhava acesso a uma rede ainda mais abrangente⁴⁶.

Fernand Braudel, ao descrever os jogos mercantis e financeiros a que se entregavam as bem sucedidas comunidades de genoveses, lucquenses, e judeus, sublinha o facto dos agentes centrais dos circuitos e das redes pertencerem a minorias estrangeiras, étnicas e/ou religiosas. Para este historiador, uma minoria constitui por si própria uma rede sólida e eficaz, pela tendência natural que qualquer minoria tem para a coesão, entreajuda e auto-defesa⁴⁷. No entanto, estudos mais recentes têm revelado que a inclusão de membros externos a estes grupos, com o objectivo de aumentar a rede, era um comportamento frequente. Para os judeus sefarditas a actuar nos Países Baixos, a inclusão de elementos de diferentes etnias e religiões tornou a sua rede muito mais eficaz na criação de oportunidades de negócio⁴⁸. Neste mesmo sentido, um estudo sobre uma rede de mercadores franceses a operar nas Antilhas Francesas, mostrou a utilização de outro tipo de mecanismos de sustentação da confiança. De acordo com este estudo, os laços de sangue não parecem ter sido essenciais para o sucesso destas redes, que preferiram fidelizar um grupo restrito de parceiros com os quais estabeleciam contratos escritos e acordos formais, evitando assim comportamentos mais desonestos. Ainda assim, este mesmo estudo aponta o casamento como um mecanismo importante na construção da rede. Argumenta que as relações pessoais e familiares podem dar acesso a relações de negócio mas não são o suficiente para a manutenção de relações a longo termo que requerem outro tipo de sustentação mais formal⁴⁹.

Daniel Strum, num estudo sobre as redes de judeus portugueses ligadas ao tráfico do açúcar, concluiu sobre a coexistência de ambas as realidades, dividindo os mercadores em dois grupos. Por um lado, um grupo de indivíduos com grande capacidade financeira e dotado de amplos recursos, organizados numa companhia. Eram na sua maioria judeus e cristãos-novos, muitos deles ligados por um grau de parentesco. À sua volta, girava um segundo grupo de mercadores com menores recursos que iam integrando a rede consoante as actividades financeiras e mercantis do momento. Estes agentes compensavam a sua reduzida capacidade financeira com uma grande mobilidade que os fazia partir ao encontro de oportunidades de negócio⁵⁰.

O caso dos estabelecimentos mercantis originários do Lago di Como, revelou a predominância do regresso às regiões de origem. Na verdade, era este mesmo regresso que permitia a ascensão socioeconómica destes mercadores italianos em Frankfurt e Mainz. Era no país de origem que a rede de negócios, envolvendo várias famílias, interagia, onde muitos elementos emigrantes se reuniam, onde a geração seguinte de mercadores era recrutada, e onde os elementos mais velhos se reformavam, deixando aos mais jovens os cuidados com os negócios⁵¹.

Os trabalhos citados são casos de estudo e como tal apontam para comportamentos que se inserem em contextos específicos. No entanto, nenhum deles põe completamente de parte

⁴⁶ M. E. Bratchel, "Italian merchant organization and business relationships in Early Tudor London" in *Merchant networks in the early modern world*, ed. Sanjay Subrahmanyam (Ashgate Variorum, 1996), 6.

⁴⁷ Fernand Braudel, *Civilização material, Economia e Capitalismo - séculos XV-XVIII: Os jogos das trocas*, vol. 2.

⁴⁸ Jessica Vance Roitman, "Us and Them: Inter-cultural Trade and the Sephardim, 1595-1640" (Diss. Doutoramento, Universidade de Leiden, 2009).

⁴⁹ Albane Forestier, "Trust and long-distance trade in the French Atlantic: the Chaurand and their business network, 1775-1793" in *XVth World Economic History Congress*, Utrecht, 3 a 7 de Agosto de 2009.

⁵⁰ Daniel Strum, "Revisiting the Role of Kinship and Ethnicity in Early Modern Trade: the Portuguese Jews and New Christians in the sugar trade" in *XVth World Economic History Congress*, Utrecht, 3 a 7 de Agosto de 2009.

⁵¹ Christiane Reves, "Italian merchants of the eighteenth century in Frankfurt and Mainz: circumstances contributing to their socio-economic ascent" in *Spinning the commercial web. International trade, merchants and commercial cities, c. 1640-1939*, ed. Margrit Schulte Beerbühl e Jörg Vögele (Peter Lang, 2004).

a importância da ligação familiar na constituição e manutenção das redes de mercadores. Não querendo tornar a análise demasiado simplista, todos parecem concordar com a utilização do matrimónio como um meio de acesso ou de reforço de uma relação económica e com o menor risco que um negócio feito com um parente apresenta. No entanto, é inegável a importância que dão aos elementos externos como fonte de oportunidades de negócio. Ou seja, comprovam que para o sucesso da rede, nomeadamente para o seu alargamento (essencial à sua própria sustentação), é fundamental a integração na rede de outros elementos. Daniel Strum avança um pouco mais com a distinção feita entre os elementos centrais da rede que estão fixos e os mais periféricos, que se movimentam. As questões levantadas pela mobilidade dos agentes, como a sua motivação, os critérios de escolha dos locais, os tempos de permanência, são também cruciais para esta análise.

Este é o quadro analítico do qual partimos para o nosso próprio caso de estudo que é a rede mercantil e financeira construída por Simón Ruiz. Sediado em Medina del Campo desde 1551, este mercador castelhano iniciou a sua actividade de importação de panos, associando-se ao seu irmão Andres Roiz, enviado ainda jovem para Nantes, e ao seu primo Francisco de la Presa, instalado em Burgos. Este início é por si só bastante revelador dos comportamentos da rede: envio de um dos elementos para um espaço internacional; localização estratégica em importantes praças financeiras e mercantis e, o mais notório, a estrutura familiar da companhia. Mas este é ainda um estado muito embrionário da companhia de Simón Ruiz. Rapidamente ela vai assumir outras funções (como a financeira) e diversificar a sua actividade mercantil (sal, anil, especiarias, pedras preciosas, papel, etc.) que a obrigarão, não só a recrutar mais agentes, como também a ocupar novos espaços. Com efeito, as redes são estabelecidas entre indivíduos localizados em diferentes pontos no espaço. A sua localização geográfica é estratégica para perceber a sua centralidade ou marginalidade nos negócios, o acesso a rotas marítimas, a praças financeiras, a centros políticos, e de influência⁵². Esta ideia é fundamental em análise de redes. O espaço geográfico dá o enquadramento físico necessário à criação e disseminação das redes. A geografia assume um papel fundamental como enfoque de análise, dadas as limitações dos meios de mobilidade, rapidez e comunicação, disponíveis no período moderno.

Considerando o actual estado da investigação sobre a importância das ligações familiares na acção dos mercadores, e tendo como objecto de análise uma das mais importantes companhias ibéricas a actuar no século XVI, passaremos à análise do nosso próprio caso de estudo, aferindo acerca destas questões.

4. A(s) rede(s) de Simón Ruiz e a sua distribuição espacial

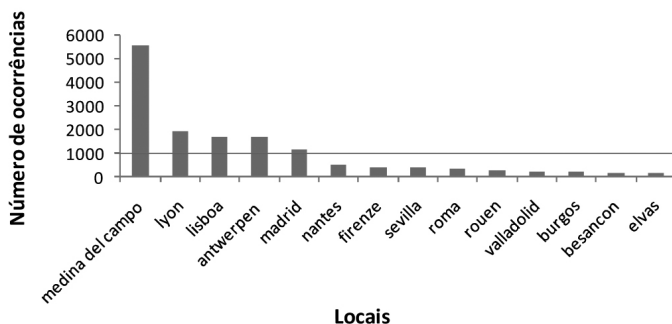
Utilizando apenas a informação contida nas fichas biográficas dos locais, procederemos à análise da rede de Simón Ruiz, com um enfoque analítico que privilegia o espaço.

Em primeiro lugar, procuramos definir o universo de análise, encontrando os espaços mais relevantes para a companhia (os que mais vezes surgem nas fontes documentais analisadas: letras de câmbio e correspondência comercial), e identificando os indivíduos aí localizados. Este é o nosso critério de selecção dos agentes que mais peso têm na rede de Simón Ruiz. Partiremos então para a análise da existência (ou não) de ligações familiares, da sua função na rede e de que

⁵² Amélia Polónia; Amândio Barros; Miguel Nogueira, "Now and Then, Here and There... on business: mapping social/trade networks on First Global Age" in *Mapping Different Geographies*, ed. Karel Kriz; William Cartwright; Lorenz Hurni (Springer, 2010).

forma a sua posição (dentro da rede e dentro do espaço geográfico) nos revela a estratégia da rede em estudo. Assim, partindo de um universo de todas as referências geográficas encontradas nas letras de câmbio e correspondência comercial⁵³, seleccionamos as que apresentavam um número de ocorrências na base de dados superior a 100. Esta informação está representada no Gráfico 1.

Gráfico 1. Locais referidos mais de 100 vezes nas letras de câmbio e cartas entre 1553 e 1588.



Os locais que mais se destacam, com um nível de ocorrências superior a 1000, são Medina del Campo, Lyon, Lisboa, Antuérpia e Madrid.

Medina del Campo é o local mais vezes referido na documentação reunindo um total de 5567 ocorrências. O seu peso esmagador justifica-se pelo facto de ser a sede da firma de Simón Ruiz. É, portanto, o local de emissão e de pagamento de grande parte das letras de câmbio e o local de recepção das cartas dos mercadores portugueses.

Lyon é a capital financeira francesa onde decorre uma das mais importantes feiras de câmbio⁵⁴ e sede dos Bonvisi, uma das famílias com mais ligações aos Ruiz. O peso de Lisboa explica-se por ser o local de emissão da maioria das cartas portuguesas. Tem, no entanto, o mérito de ter funcionado como uma importante fonte de mercadorias como especiarias, pedras preciosas e sal. Antuérpia, assume um papel fundamental para a rede dos Ruiz em ambas as vertentes: na financeira, como centro de câmbios e de especulação, para onde enviam o dinheiro consoante as variações dos câmbios, e a mercantil funcionando como placa giratória de mercadorias. Por último, a presença de Madrid revela o importante papel de Simón Ruiz como credor de Filipe II.

Estando assim encontrados os espaços para análise, passamos à identificação dos agentes neles localizados, da qual resultou uma lista de 588 agentes. Na Figura 2 representamos o número de agentes por local.

⁵³ Para a presente análise foi utilizada a informação agregada na base de dados, *TimeLink*, que ao tempo da recolha reunia um total de 4970 letras de câmbio (relativas aos anos de 1553 a 1582, 1585 e 1588) e 299 cartas (relativas aos anos de 1558 a 1577).

⁵⁴ Claudio Marsilio, "Four times a year for so many years". *The Italian Exchange Fairs during the XVth-XVIIth Centuries*" in *XVth World Economic History Congress*, Utrecht, 3 a 7 de Agosto de 2009.

Figura 2.
Número de agentes
localizados nos
espaços referidos mais
de 100 vezes nas letras
de câmbio e cartas
entre 1553 e 1588.



O número de agentes em cada local ajuda-nos a perceber a distribuição da rede de Simón Ruiz no espaço.

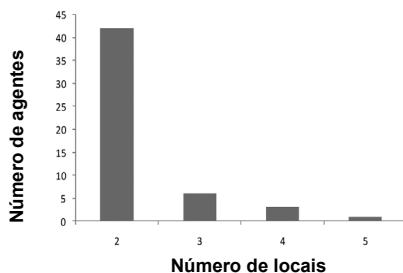
Medina del Campo apresenta o maior número de agentes, 126. A localização da firma nesta praça financeira não é de todo casual, pois nela se realizam as mais importantes feiras de câmbio castelhanas, às quais ocorrem inúmeros homens de negócio e representantes das principais famílias de mercadores.

Lisboa conta com 88 agentes, que a correspondência permite conhecer com algum pormenor, no que toca às suas funções, como intermediários na compra de mercadorias do ultra-mar ou agentes financeiros que se ocupam dos jogos de câmbio.

Madrid denuncia a quantidade de gente da corte envolvida nestes circuitos de dinheiro (73 agentes), assim como Sevilha e Antuérpia comprovam o peso da especulação financeira nas actividades da firma (48 e 44 agentes respectivamente)⁵⁵.

Apesar da análise quantitativa, estes agentes foram identificados individualmente, o que nos permitiu verificar que alguns nomes se repetem. Na verdade, os 588 nomes identificados correspondem a 517 indivíduos. E isto aponta-nos para o fenómeno da mobilidade, pois cerca de 10% destes homens⁵⁶ são identificados em mais do que um local, como se demonstra no Gráfico 2.

Gráfico 2. Número de agentes com mais do que uma referência geográfica



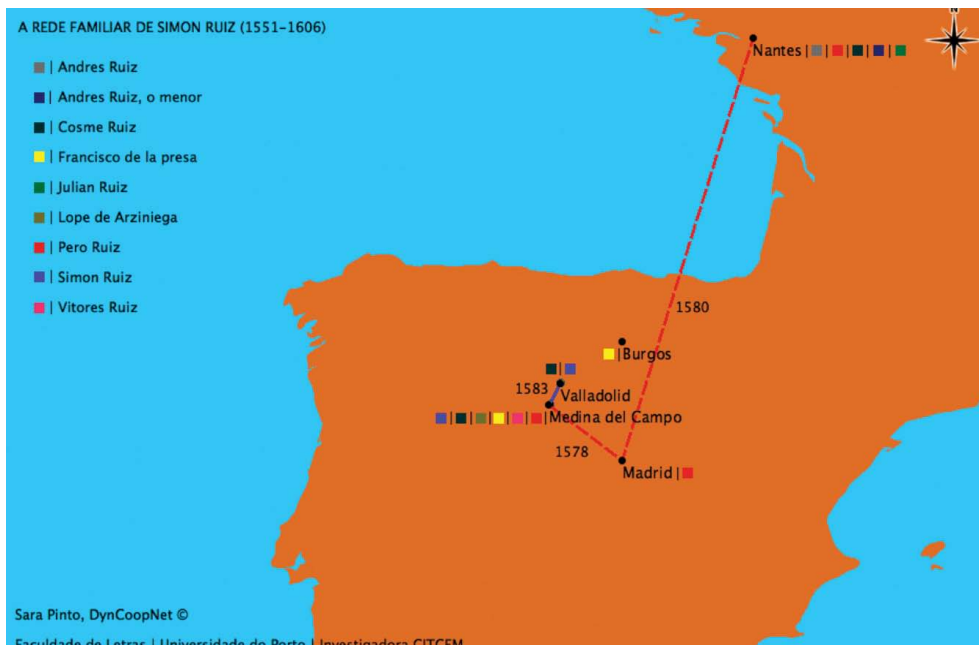
⁵⁵ Para este exercício seleccionamos para análise apenas os locais que apresentavam um número de agentes acima da média (média de 42 agentes por local).

⁵⁶ Dos 517 indivíduos 52 apresentam mais do que uma referência geográfica.

A análise destes casos permitiu também verificar que, para cerca de 60% dos agentes, um dos locais de identificação presencial é Medina del Campo. E este facto é compreensível pela necessidade de estes agentes se deslocarem à sede da firma para negócios ou para assistirem às feiras de câmbio. Medina del Campo aparece recorrentemente como um espaço centralizador.

Desenhado o espaço da rede de Simón Ruiz e comprovada a mobilidade geográfica dos agentes passamos à análise da componente familiar. A partir do mesmo enquadramento espacial e do universo de agentes identificados, fizemos representar num mapa apenas os elementos da família Ruiz (ver Figura 3).

Figura 3. Localização dos elementos da família de Simón Ruiz entre 1551 e 1606.



A história da companhia de Simón Ruiz conta-se em duas gerações: a primeira dos irmãos Simón e Vitores, sediados em Medina del Campo e André Ruiz, instalado em Nantes; e a segunda geração composta pelos sobrinhos de Simón Ruiz.

O mapa mostra André Ruiz sediado em Nantes, onde se estabeleceu ainda jovem no seio de uma numerosa comunidade espanhola. Sabemos ainda que se instalou na casa de Francisco de Santo Domingo, com quem aprendeu as lides do negócio e chegou mesmo a casar com a filha do mercador. André Ruiz formou uma companhia que incluía o seu próprio irmão, Vitores Ruiz, sediado em Medina del Campo, e o seu primo, Francisco de la Presa, em Burgos.

Simón Ruiz, não abandonou o seu país, gerindo os seus negócios a partir de Medina del Campo. No mapa encontrámo-lo também em Valladolid, pois para aqui se deslocou em 1583, para mais facilmente tratar dos assuntos da companhia junto da Real Chancelaria.

Quanto à segunda geração, ambos os filhos de Andres Ruiz, Julián e Andres Ruiz, o menor, se encontravam em Nantes envolvidos nos negócios da companhia. Após a morte prematura de Julián em 1583 (cujo desempenho suscitava constantes queixas, principalmente dos agentes portugueses em Lisboa⁵⁷) foi

⁵⁷ Numa carta de 13 de Abril de 1577, Manuel Gomes queixa-se a Simón Ruiz de Julián Ruiz, pelos seus atrasos nos envios de encomendas, considerando-o um homem muito descuidado. In Arquivo de Simón Ruiz, *Correspondência comercial, Portugal*, caixa 39, nº 76.

Andres Ruiz, o menor, que assumiu a gestão em Nantes.

O mapa mostra-nos ainda as deslocações de Pero Ruiz, o filho mais velho de Vitores, por Medina, Madrid e Nantes. Apesar de participar da vida da firma, rapidamente tornou-se claro para Simón a falta de vocação do sobrinho para os negócios. A morte de Pero, em 1581, deu ao seu irmão Cosme a gestão dos negócios. Após uma estadia em Nantes, Cosme Ruiz sediou-se em Valladolid constituindo com o seu tio a companhia de “Simón e Cosme Ruiz Embito”. Nos últimos anos, estando já Simón Ruiz em Valladolid, um outro seu sobrinho, Lope de Arziniega, assegurou ao lado de Cosme a gestão dos negócios em Medina del Campo⁵⁸.

Se cruzarmos este mapa com o da figura 2, que representa os espaços mais significativos para a companhia, percebemos rapidamente que estes ultrapassam em grande medida o enquadramento espacial da rede familiar de Simón Ruiz. Ou seja, apesar de a família dominar os dois grandes centros de gestão da rede – Medina del Campo e Nantes, os agentes encarregues dos negócios em locais chave para as actividades mercantis e financeiras, como Antuérpia, Lisboa ou Lyon, são elementos externos à família.

Ao analisar os nomes dos agentes verificamos que muitos mais possuíam o sobrenome em comum, pelo que muitos deles estão registados na base de dados como possuindo uma relação familiar. Desta forma, com o objectivo de aprofundar a análise, tentamos identificar outras famílias. Como resultado verificamos que dos 517 agentes identificados, 135 apresentam grau de parentesco entre si. Entre nomes como os Bonvisi, os Castro Gago, os Balbani, os Capponi, os Affaitadi, etc, identificamos um total de 46 famílias. Dado o objectivo da análise não pudemos deixar de verificar qual a localização de cada um dos elementos para perceber tendências de dispersão / concentração. Verificamos que cerca de 70% destas famílias têm elementos em pelo menos dois locais diferentes. Dada a impraticabilidade de mapear, neste exercício, toda esta informação, optámos por seleccionar as famílias de origem portuguesa, atendendo até ao facto de serem esses os autores da correspondência que temos vindo a analisar. Obtivemos assim o mapa apresentado na Figura 4.

Figura 4. Localização dos elementos das famílias Gomes d’Elvas, Ximenes e Morales entre 1553 e 1588.



⁵⁸ Henri Lapeyre, *Une famille de Marchands: les Ruiz. Contribution à l'étude du commerce entre la France et l'Espagne au temps de Philippe II.*

A correspondência dos Gomes d'Elvas, nomeadamente de António, Luís e Manuel Gomes, representa a maioria das cartas emitidas de Portugal. Sediados em Elvas e Lisboa, ocupam-se da exportação de especiarias, em especial a pimenta, pedras preciosas, açúcar, sal e anil; e da importação de trigo e panos. Vão também participar nos *asientos* a Filipe II. Apesar de sediados em território nacional, na documentação encontrámo-los também em Medina del Campo e Nantes.

Os Morales, estrategicamente localizados na Estremadura espanhola (Tristão de Morales sedia-se em Mérida), ocupam-se da troca de moedas de ouro portuguesas por reais sevilhanos. São dos agentes que mais mobilidade apresentam: encontramos Tristão de Morales em Lisboa, Elvas, Madrid e Sevilha. O irmão Hernando de Morales é dos que mais viaja frequentemente, indo a Medina del Campo para as feiras ou a Lisboa para se encontrar com os seus correspondentes, mas também o encontramos em Elvas, Burgos e Madrid.

Os Ximenes optam por uma localização, igualmente estratégica, em Antuérpia. Aqui sediam-se os irmãos Fernando Ximenes e Rui Nunes, enquanto Tomás Ximenes e Gerónimo Duarte permanecem na capital portuguesa. Actuam essencialmente como agentes financeiros, realizando em Antuérpia o pagamento das letras de câmbio de Simón Ruiz e dos mercadores portugueses.

Mas estes homens não se limitam a actuar dentro das suas associações familiares, pelo que os encontramos muitas vezes em parcerias, procurando aumentar assim a sua capacidade de capital para, por exemplo, participarem nos *asientos*⁵⁹.

De relevância para esta análise é o facto de estas relações comerciais comprovarem os comportamentos que acima descrevemos: companhias assentes em ligações familiares; deslocação de alguns dos seus elementos para outros espaços; e necessidade de parcerias com elementos externos (mesmo que temporárias) para actividades mercantis e financeiras de maior envergadura.

5. Conclusão

Os espaços que identificamos como os mais relevantes para a rede de Simón Ruiz revelam-nos as actividades a que a rede se entrega: os câmbios, presentes nas feiras de Medina del Campo, Lyon, e Besançon, e a especulação financeira que Sevilha e Antuérpia permitiam. A actividade financeira da rede atinge o seu máximo com o financiamento da corte espanhola e por isso Madrid está tão presente. Lisboa e Elvas acusam as ligações aos produtos ultramarinos, assim como Burgos, um importante centro de seguros, permite tratar dos fretes de navios. Para estas actividades mercantis, nomeadamente para os circuitos do sal, do trigo e dos panos, eram fundamentais os agentes localizados em Nantes e Rouen.

Esta diversidade de actividades e a sua dimensão espacial obriga naturalmente a uma rede de correspondentes, intermediários e agentes financeiros que necessariamente ultrapassa a mera estrutura familiar. Era, pois, forçoso recorrer a elementos externos que representassem os interesses da companhia nas várias praças europeias. Ao mesmo tempo, vimos que a estrutura base da rede de Simón Ruiz é familiar, actuando os seus irmãos e sobrinhos como correspondentes e parceiros de negócio. O risco de uma actividade como a concessão de créditos ou até mesmo a actividade especulativa é diminuído pelo elevado grau de confiança presente num laço familiar. Parece-nos pois mais correcto assumir que à volta de um núcleo familiar, responsável pela gestão

⁵⁹ Damos como o exemplo um *asiento* de 40 mil escudos em sociedade por quotas de quintos, feito por Luís Gomes d'Elvas, Tomás Ximenes, Fernando Ximenes, Rodrigo Lopes d'Évora e Simón Ruiz em 1576. Carta de António Fernandes d'Elvas a Simón Ruiz de 30 de Março de 1576. In Arquivo de Simón Ruiz, *Correspondência comercial, Portugal*, caixa 34, nº 14.

da companhia, gravitavam indivíduos (muitas vezes eles próprios inseridos em parcerias) que garantiam a diversificação e continuidade das actividades da rede. Com efeito, os mercadores portugueses parecem integrar o segundo grupo que Daniel Strum identificou como sendo de menores recursos, integrando a rede consoante as actividades financeiras e mercantis do momento e compensando a sua pouca capacidade financeira com uma grande mobilidade. Ao fazê-lo vão naturalmente integrar outras redes (mercantis, financeiras, familiares) assumindo novas funções e ocupando novos espaços. No que respeita à sua acção dentro da rede em análise, eles comprovam que os elementos externos são essenciais para aquisição de novas competências por parte da rede. Um exemplo muito claro disto, é o acesso que a companhia de Simón Ruiz passará a ter aos produtos ultramarinos, e que lhe é apenas possível pela integração dos mercadores portugueses.

E este acesso a novos produtos traduz-se no acesso a novos mercados, ou seja traduz-se num novo enquadramento espacial da rede de Simón Ruiz. É este tipo de transformações que nos importa analisar, verificando o comportamento da rede perante momentos de mudança, quer positiva, quer negativa (reestruturação em momentos de crise).

Como metodologia de análise, as projecções espaciais, revelam-se uma importante ferramenta para a investigação histórica, como esperamos termos demonstrado com o presente trabalho.

Bibliografia

- Albane Forestier, “Trust and long-distance trade in the French Atlantic: the Chaurand and their business network, 1775-1793”, in *XVth World Economic History Congress*, Utrecht, 3 a 7 de Agosto de 2009.
- Amélia Polónia; Amândio Barros; Miguel Nogueira, “Now and Then, Here and There... on business: mapping social/trade networks on First Global Age” in *Mapping Different Geographies*, ed. Karel Kriz; William Cartwright; Lorenz Hurni (Springer, 2010).
- Andrew Torget e James Wilson, *Visualising the past: tools and techniques for understanding historical processes. A White Paper for the National Endowment for the Humanities* (Virginia: University of Richmond, 2009).
- Anne Kelly Knowles, *Past time, past place: GIS for History* (California: ERSI, 2002).
- Anne Kelly Knowles, *Placing History: How maps, spatial data, and GIS are changing Historical scholarship* (California: ESRI, 2008).
- Carlos Álvarez; Luca Lo Basso; Claudio Marsilio, “La red financiera de la familia Spinola: España, Génova y las ferias de cambio (1627-1656)” in *X Simposio de Historia Económica: Análisis de redes en la Historia Económica, Bellaterra, 27 a 29 de Janeiro de 2005*.
- Christiane Reves, “Italian merchants of the eighteenth century in Frankfurt and Mainz: circumstances contributing to their socio-economic ascent” in *Spinning the commercial web. International trade, merchants and commercial cities, c. 1640-1939*, ed. Margrit Schulte Beerbühl e Jörg Vögele (Peter Lang, 2004).
- Claudio Marsilio, ““Four times a year for so many years”. The Italian Exchange Fairs during the XVth-XVIIth Centuries” in *XVth World Economic History Congress*, Utrecht, 3 a 7 de Agosto de 2009.
- Daniel Strum, “Revisiting the Role of Kinship and Ethnicity in Early Modern Trade: the Portuguese Jews and New Christians in the sugar trade” in *XVth World Economic History Congress*, Utrecht, 3 a 7 de Agosto de 2009.
- Federigo Melis, *Documenti per la storia economica dei secoli XIII-XVI* (Firenze: Leo S. Olschki, 1972).
- Felipe Ruiz Martin, *Pequeño capitalismo, gran capitalismo. Simón Ruiz y sus negocios en Florencia* (Barcelona: Editorial Crítica, 1990).
- Fernand Braudel, *Civilização material, Economia e Capitalismo - séculos XV-XVIII: Os jogos das trocas, vol. 2* (Paris: Teorema, 1979), 125-127.
- Francesca Trivellato, “«Juifs de Livourne, Italiens de Lisbonne, hindous de Goa» Réseaux marchands et échanges interculturels à l'époque moderne”, *Annales. Histoire, Sciences Sociales* (no. 3, 58e année, 2003), 581-603.
- Henri Lapeyre, *Une famille de Marchands: les Ruiz. Contribution à l'étude du commerce entre la France et l'Espagne au temps de Philippe II* (Paris: Librairie Armand Colin, 1955).
- Hilario Casado Alonso, “Crecimiento económico y redes de comercio interior en la Castilla septentrional (siglos XV y XVI)” in *Imágenes de la diversidad: el mundo urbano en la Corona de Castilla (s. XVI-XVIII)*, ed. José Ignacio Fortea Pérez (Santander: Universidad de Cantabria, 1997).
- Hilario Casado Alonso, “Los flujos de información en las redes comerciales castellanas de los siglos XV y XVI”, *Investigaciones de Historia Económica* (no. 10, 2008), 35-68.
- Ian Gregory, *A place in history: a guide to using GIS in historical research* (Oxbow, 2003).

- Ian Gregory e Paul Ell, *Historical GIS: Technologies, Methodologies and Scholarship* (Cambridge: University Press, 2007).
- Immanuel Wallerstein, *O Sistema Mundial Moderno, Vol. 1: Agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI e Vol. 2: O mercantilismo e a consolidação da economia-mundo europeia, 1600-1750* (Porto: Edições Afrontamento, 1990).
- Jean-Pierre Dedieu; Zacarías Moutoukias, “L’approche de la théorie des réseaux sociaux” in *Réseaux, familles et pouvoirs dans le monde ibérique à la fin de l’Ancien Régime*, ed. Juan Luise Castellano e Jean-Pierre Dedieu (Paris: CNRS Editions, 1998).
- Jessica Vance Roitman, “Us and Them: Inter-cultural Trade and the Sephardim, 1595-1640” (Diss. Doutoramento, Universidade de Leiden, 2009).
- José-Gentil da Silva, *Stratégie des Affaires à Lisbonne entre 1595 et 1607: Lettres marchandes des Rodrigues d’Évora et veiga* (Paris: Librairie Armand Colin, 1956).
- José-Gentil da Silva, *Marchandises et Finances II: lettres de Lisbonne 1563-1578* (Paris: S.E.V.P.E.N., 1959).
- José María Imízcoz, *Redes familiares y patronazgo: aproximación al entramado social del País Vasco y Navarra en el Antiguo Régimen, siglos XV-XIX* (Universidad del País Vasco, Servicio Editorial, 2001).
- Juan José de Madariaga, *Bernal Díaz y Simón Ruiz de Medina del Campo* (Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1966).
- Léon Schick, *Jacob Fugger: un grand homme d’affaires au début du XVIe siècle* (Paris: S. E. V. P. E. N., 1957).
- M. E. Bratchel, “Italian merchant organization and business relationships in Early Tudor London” in *Merchant networks in the early modern world*, ed. Sanjay Subrahmanyam (Ashgate Variorum, 1996).
- Margrit Schulte Beerbühl, “Spatial construction and social norms in eighteenth-century trade networks” in *Historisches Seminar II* (Düsseldorf: Heinrich Heine Universität, 2008).
- Margrit Schulte Beerbühl; Jörg Vögele, *Spinning the commercial web. International trade, merchants and commercial cities, c. 1640-1939* (Peter Lang, 2004).
- Maria Fusaro, “«Les Anglais et les Grecs» Un réseau de coopération commerciale en Méditerranée vénitienne”, *Annales. Histoire, Sciences Sociales* (no. 3, 58e année, 2003), 605-625.
- May Yuan, “Dynamics GIS: Recognizing the Dynamic Nature of Reality” in *Essays on Geography and GIS* (ESRI, 2008), 17-24.
- Pierre Goubert, *Familles marchandes sous l’Ancien Régime: les Danse et les Motte, de Beauvais* (Paris: S. E. V. P. E. N., 1959).
- Ricardo Court, “Januensis Ergo Mercator: Trust and Enforcement in the Business Correspondence of the Brignole Family”, *The Sixteenth Century Journal* (no. 35, 4, Winter 2004), 987-1003.
- Richard White, *What is Spatial History?* (Stanford University Spatial History Lab, 2010) (disponível in www.stanford.edu/group/spatialhistory/cgi-bin/site/pub.php?id=29&project_id=997 – consultada em 15/01/2012).
- Sanjay Subrahmanyam, *Merchant networks in the early modern world* (Ashgate Variorum, 1996).
- Zacarías Moutoukias, “Narración y análisis en la observacion de vínculos y dinámicas sociales: el concepto de red personal en la historia economica y social” in *Inmigracion y redes sociales en la Argentina moderna*, ed. María Bjerg e Hernán Otero (Tandil: CEMLA/IEHS, 1995), 221-241.

Zacarias Moutoukias, “Negocios y redes sociales: modelo interpretativo a partir de un caso rioplatense (siglo XVIII)”, *Caravelle* (no. 67, 1997), 37-55.

Zacarias Moutoukias, “La notion de réseau en histoire sociale: un instrument d’analyse de l’action collective” in *Réseaux, familles et pouvoirs dans le monde ibérique à la fin de l’Ancien Régime*, ed. Juan Luise Castellano e Jean-Pierre Dedieu (Paris: CNRS Editions, 1998).

Virgínia Rau, “cartas de Lisboa no Arquivo Datini de Prato”, *Separata de Estudos Italianos em Portugal* (no. 21-22, 1962-1963).